



A ética à margem da educação: Uma ameaça à construção da humanidade¹

Ethics in the margins of education: A threat to the construction of humanity

Terezinha Azerêdo Rios²
te.rios@terra.com.br

Resumo: Este trabalho tem a intenção de desenvolver uma reflexão sobre a dimensão ética do trabalho educativo, muitas vezes desconsiderada no contexto contemporâneo. Embora a ética esteja presente na maioria dos discursos e das propostas sobre educação, nem sempre ela é levada em conta na concretização dessas propostas, especialmente quando se trata de políticas educacionais. É dessa constatação que se parte, sem dúvida, quando se afirma que “a filosofia, que foi o ‘texto central da educação’, ... é hoje relegada para suas margens”. E a face da filosofia que realmente se encontra mais marginalizada aí é a da ética.

Na verdade, isso é um reflexo do que encontramos no contexto social global. Aí se manifesta um desencontro entre discurso e prática, com consequências desastrosas na vida dos indivíduos e grupos. Gera-se uma crise que se revela em todas as instâncias – na economia, na política, na totalidade das instituições.

Na medida em que a educação pode ser definida como gesto de construção da humanidade, partilha, construção e reconstrução de cultura, o processo educativo não pode prescindir de um olhar crítico, que questione a consistência, o fundamento dos valores de caráter moral que orientam a vida dos sujeitos nas diversas sociedades, suas ações e relações. É esse o olhar da ética.

Assim, é preciso um esforço no sentido de garantir a presença desse olhar no processo educativo, “desmarginalizá-lo”, incluí-lo como elemento essencial da educação, numa perspectiva utópica. Isso requer dos educadores consciência e compromisso, engajamento e aposta na realização da vida boa, para todos.

Palavras-chave: Educação; humanidade; ética; “desmarginalização”.

Abstract: This work intends to develop a reflection on the ethical dimension of

- 1 Projeto apresentado ao Colóquio “A educação e as suas margens”, organizado pela SOFELP/SOPHIED – Eixo de trabalho: 2. A margem como “marginal”
- 2 Pesquisadora do GEPEFE – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores – Faculdade de Educação – USP – São Paulo – Brasil.

educational work, often disregarded effectively in the contemporary context. Although ethics is present in most discourses and proposals on education, it is not always taken into account in the realization of these proposals, especially when it comes to educational policies. It is from this observation that one begins, no doubt, when one affirms that “philosophy, which was the ‘central text of education’, ... is now relegated to its margins”. And the face of philosophy that is actually more marginalized there is that of ethics.

There is a crisis that is revealed in every instance – in the economy, in politics, in all institutions.

Insofar as education can be defined as a gesture of building humanity – sharing, building and rebuilding culture –, the educational process can not dispense with a critical eye, which questions the consistency, the foundation of the values of moral character that guide the life in the various societies, their actions and relationships. This is the look of ethics.

Thus, it is necessary to make an effort to guarantee the presence of this gaze in the educational process, to “demarginalize” it, to include it as an essential element of the education, in a utopian perspective. This requires of the educators awareness and commitment, engagement and bet in the realization of the good life, for all.

Keywords: Education; humanity; ethics; “demarginalization”.

Introdução

Em seu livro *De pernas pro ar – a escola do mundo ao avesso*, Eduardo Galeano afirma: “Há cento e trinta anos, depois de visitar o país das maravilhas, Alice entrou num espelho para descobrir o mundo ao avesso. Se Alice renascesse em nossos dias, não precisaria atravessar nenhum espelho: bastaria que chegasse à janela” (GALEANO, 1999: 2)

O autor procura apontar as contradições do mundo contemporâneo, chamando atenção para o espetáculo desolador do triunfo da corrupção, da violência, da incomunicação. Na escola do mundo ao avesso, ele encontra “cátedras do medo”, “aulas magistrais de impunidade” e uma “pedagogia da solidão”.

Tenho tido frequentemente oportunidade de discutir com colegas educadores o tema do papel da escola nesse contexto complexo em que vivemos nos dias de hoje. Algumas questões colocadas por eles vão ao encontro da visão expressa por Galeano e provocam uma discussão que se orienta pelas perguntas: *Serão mesmo aquelas as características de uma escola neste mundo ao avesso que parece ser o nosso? O que fazer para superar essa situação?*

A resposta se anuncia no horizonte de um trabalho competente que procure criar arranjos originais, tecendo redes que ampliem as articulações para a construção da história, que é marca de nossa humanidade. Esse trabalho tem como dimensão fundamental a ética, que se encontra estreitamente articulada aos aspectos técnicos, estéticos e políticos. Mas a ética parece estar sendo deixada à margem no contexto educativo. Por isso, é preciso um esforço para que ela esteja presente. Sua

“desmarginalização” pode auxiliar no sentido de garantir a constante problematização dos valores e o empenho na transformação na direção do bem comum.

O que se requer é uma *perspectiva utópica*, no sentido de conhecimento claro das características do presente, dos limites que nos tolhem e ao mesmo tempo das possibilidades, das alternativas que devemos descobrir ou inventar para a superação dos problemas e a mobilização concreta, por meio do trabalho, para que o futuro tenha a configuração que julgamos efetivamente humana, construída por nosso desejo e empenho.

A ética vem sendo um tema privilegiado de minha reflexão. Assim, as ideias que trago têm sido apresentadas em inúmeros encontros e publicações. Desejo, entretanto, que o diálogo que aqui procuro estabelecer possa ainda se revestir de aspectos novos e trazer uma contribuição ao debate do tema desafiante que nos propomos a discutir. Na medida em que faço meu convite no espaço da filosofia – meu instrumento de formação e de trabalho – acredito que se cria a possibilidade de, ao procurar ampliar e aprofundar o olhar, encontrar aspectos ainda não percebidos, ou perceber de um jeito novo aspectos já explorados.

Pretendo, então, em primeiro lugar, explorar a questão da presença da filosofia no contexto social e no espaço educacional, apontando os limites que são encontrados para o exercício do filosofar. A seguir, coloco o foco na face da filosofia que se volta para os valores que fundamentam as ações de indivíduos e grupos – a ética. E, por fim, busco refletir sobre a necessidade de “desmarginalizar” a ética, garantindo sua presença na vida social, particularmente na instituição escolar.

Filosofar: uma atitude perigosa

*O que é filosofia? É a tentativa, penso, de enxergar um palmo diante do nariz
– o que não é tão fácil nem tão inútil quanto muitos pensam.
Afim, o peixe é quem menos sabe da água.*

Roberto Gomes (1977: 18)

Pensar à luz da filosofia é realizar o esforço de assumir uma atitude crítica diante das questões que nos inquietam e desafiam. Quando preciso chamar atenção para a necessidade de assumirmos uma atitude crítica, tenho recorrido frequentemente a uma afirmação de João Guimarães Rosa, que se encontra em seu livro *Grande Sertão: Veredas*. Ali, o jagunço Riobaldo diz: “*A cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total*” (ROSA, 1965: 320).

Olhar criticamente significa procurar ver com *clareza, profundidade e abrangência* a realidade e nós mesmos, na relação com ela. Procurar “aumentar a cabeça, para o total”. Implica, portanto, uma atitude humilde e corajosa.

A atitude crítica é *humilde*, no sentido de reconhecer nossos limites. “As coisas que há são demais de muitas”, há muita coisa que ainda não conhecemos. Só quem reconhece que não sabe, que há ainda muito por ser conhecido, empreende uma busca no sentido de ampliar seu saber.

O filósofo é antes de tudo o peregrino da verdade, mais que o proprietário de uma certeza. A filosofia esforça-se então pode desenvolver em nós o espírito crítico e o espírito de tolerância. Enquanto o fanático está certo de possuir a verdade e desde então não tem mais necessidade de buscá-la, e sucumbe à tentação de impor sua verdade aos outros, a humildade filosófica consiste em dizer que a verdade não é mais minha que sua, mas que ela está adiante de nós. Assim, a consciência filosófica não é nem uma consciência feliz, satisfeita com a posse de um saber absoluto, nem uma consciência infeliz, à mercê das torturas de um ceticismo desesperado. Ela é uma consciência inquieta, insatisfeita com o que possui, mas em busca de uma verdade para a qual se sente criada. (HUISMAN e VERGEZ, 1965: 7-8)

Além de reconhecer os limites, é preciso organizar-se para enfrentá-los, o que requer coragem. A atitude crítica é, portanto, *corajosa*, porque sempre tende a enfrentar perigos, ameaças. O olhar crítico desvenda, aponta coisas que podem nos incomodar, nos desinstalar, nos exigir mudanças para as quais muitas vezes não estamos preparados.

É exatamente por possuir essas características que a atitude filosófica tem sido marginalizada em alguns contextos contemporâneos. Num “mundo ao avesso”, marcado por preconceitos e discriminações, pela intolerância e a recusa da diversidade, o olhar que desvela esses gestos é considerado algo que deve ser evitado. É mais confortável permanecer no senso comum, na segurança de ideias já cristalizadas, defendidas sem recurso a argumentos sólidos (LORIERI e RIOS, 2004)

A oposição à filosofia se traduz em fórmulas como: a filosofia é demasiado complexa; não a compreendo; está além do meu alcance; não tenho vocação para ela; e, portanto, não me diz respeito. Ora, isso equivale a dizer: é inútil o interesse pelas questões fundamentais da vida; cabe abster-se de pensar no plano geral para mergulhar, através de um trabalho consciencioso, num capítulo qualquer de atividade prática ou intelectual; quanto ao resto, bastará ter “opiniões” e se contentar com elas.

A filosofia é perigosa. Se eu a compreendesse, teria que alterar minha vida. Adquiriria outro estado de espírito, veria as coisas a uma claridade diferente, teria de rever meus juízos. Melhor é não pensar filosoficamente. (JASPERS, 1971:39)

Joseph Vialatoux afirma que o pensamento em busca da sabedoria deve ser corajoso porque é um pensamento dramático. Ele observa que “se a vida humana

é chamada a ser uma vida que se pensa e por isso, a transcender o mundo que é instrumento de sua ação e o teatro de sua laboriosa libertação, ela não se define, então, pelo caráter dramático da aventura na qual está engajada?” (VIALATOUX, 1965: 97). A vida humana é perigosa, uma vez que ela não é só orgânica e biológica, mas moral e política. O pensamento que se volta para ela deve ser, então, um pensamento corajoso.

Filosofia e educação

Para a filosofia da educação, a educação é sempre e também, antes de tudo, uma questão antropológica. E é-o por duas vias complementares que se encontram e se reforçam mutuamente: se, por um lado, há que proceder ao questionamento acerca das finalidades da educação, importa fazê-lo interrogando sistematicamente a natureza de um homem que, por o ser e para o ser, carece da educação.

Adalberto Dias de Carvalho (2001:17)

Voltando-se para a vida e suas diversificadas manifestações, a filosofia é sempre filosofia de.

O filósofo deverá meditar sobre todas as formas da experiência humana, que são múltiplas. Precisar-se-á interpretar a experiência prática da vida cotidiana, mas também o saber científico. Compreender as experiências: estética, moral, religiosa, mística, mas também a atitude requerida pela atividade técnica. Por uma espécie de desdobramento, deverá, ainda, refletir sobre a própria experiência filosófica. (...) é preciso buscar em todas as fontes da experiência, pois elas constituem os dados sobre os quais se pode trabalhar. (VANCOURT, 1964: 29)

Aqui voltamo-nos especificamente para o contexto educativo. Trata-se, então, de trazer a reflexão filosófica para o terreno da educação. Nosso exercício pretende ser o de uma filosofia da educação.

O processo educativo é um processo de construção da humanidade. Parafraseando Simone de Beauvoir, podemos afirmar que “ninguém nasce humano; torna-se humano”. E o faz pela intervenção da educação, partilha de conhecimentos e valores, construção e reconstrução contínua dos indivíduos em suas relações sociais. Hélio Pellegrino chama atenção para o fato de que

Nós, humanos, somos fratura, ruptura, salto qualitativo da natureza para a cultura. Somos exilados de nossa condição biológica e da lei cósmica que a preside. Perdemos os instintos, no bom e honrado sentido animal da palavra. Somos, sim, animais, mas animais políticos - *zoon politikon* -, tendo que criar as leis da *polis* por termos rompido - e este é o pecado original! - com a Lei que rege o sol, as estrelas, as plantas e os bichos.

Nós, humanos, nascemos prematurados, desequipados, sem fortes instintos que nos costurem ao mundo, fazendo dele, desde o começo, a nossa casa. Somos *ruptura* com a ordem cósmica e, por isto mesmo, criadores de civilização. Somos, em nossa origem, desgarramento, derrelição, extravio, liberdade. A cultura é o esforço humano para lançar pontes sobre o abismo (PELLEGRINO, 1988: 17)

A cultura é o elemento identificador dos seres humanos. Intervindo na natureza, eles criam uma nova configuração para o mundo e para si mesmos. A cultura tem um caráter social e histórico – é feita num esforço coletivo e se transforma continuamente. É a partilha da cultura, sua renovação, se dá exatamente pela educação, formal ou não formal, que está presente em todas as instituições sociais. A escola é, entretanto, a instituição à qual a educação formal é especificamente atribuída. Ela necessita, então, articular-se criticamente, no sentido de criar continuamente formas significativas de “dar conta” do que lhe cabe.

É preciso refletir, entretanto, sobre o fato de que a educação não tem, por definição, um caráter positivo. Os conhecimentos e valores partilhados nem sempre têm a intenção de trazer benefício a todos. Temos exemplos históricos de processos educativos marcados pela existência de privilégios, de preconceitos, de desigualdade entre os sujeitos e os estratos sociais. É por isso que há necessidade de um olhar crítico para verificar se os caminhos da educação levam verdadeiramente a uma vida plena, uma convivência fraterna, um desenvolvimento efetivo para todos que nela estão envolvidos. Assim se reclama a presença da ética, que não pode estar fora de uma educação emancipadora, que é o horizonte do bem comum. Fernando Savater afirma que “a reflexão moral não é apenas um assunto especializado mais para quem deseje fazer cursos superiores de filosofia, mas é uma parte *essencial* de qualquer educação digna desse nome (SAVATER, 1993:10). A ausência da ética constitui uma ameaça à construção de uma humanidade em que os direitos de todos sejam respeitados e defendidos e em que a vida possa ser feliz.

Moralidade e ética

Toda ética digna desse nome parte da vida e se propõe a reforçá-la, a torná-la mais rica.

Fernando Savater (1993: 173)

Quando nos dispomos a refletir criticamente sobre a função da escola e sobre nosso papel de educadores, temos a intenção de nos voltar sobre os *problemas, questões-limites* com que nos deparamos em nossa prática cotidiana, em nossa vivência das inúmeras situações nas quais nos encontramos. Questões que necessitamos superar e nos incomodam porque nos vemos sem possibilidade de superar imediatamente. Constituem um desafio e, em geral, nos levam a perguntar: O que *devemos* fazer?

Esta pergunta - o que se deve fazer? - nos remete para uma reflexão que se dá no terreno da moralidade e da ética.

A etimologia da palavra ética nos leva a *ethos*, que significa costume, caráter, marca. “O *ethos* é a casa do homem”, afirma Henrique de Lima Vaz (1988:12). É superando as condições da natureza, rompendo com a necessidade estabelecida na *physis*, que os homens, interagindo, instauram o mundo da cultura, fruto de sua liberdade. Assim se estabelece o *ethos*, “jeito de ser”, resultado do trabalho conjunto dos homens, instituidor de significações diferentes para as ações e relações no interior de cada sociedade. Vaz reitera: “O espaço do *ethos* enquanto espaço humano, não é dado ao homem, mas por ele construído ou incessantemente reconstruído. Nunca a casa do *ethos* está pronta e acabada para o homem” (VAZ, 1988:13)

É no terreno do *ethos* que vamos encontrar o que chamamos comumente de moral. Trata-se de um conjunto de princípios, crenças, preceitos e normas que orientam a vida dos homens em sociedade. Ao desenvolver sua vida social, os indivíduos *respondem* a determinadas solicitações, que lhes são apresentadas sob a forma de deveres. Dizemos sim ao dever quando obedecemos, dizemos não quando desobedecemos. A *responsabilidade* é o núcleo da moralidade. Somos *responsáveis* pela atitude que decidimos tomar. Respondemos aos outros e com os outros seres humanos de nossa sociedade. Por isso, toda ação moral tem uma implicação política. Realiza-se na *polis*, sociedade organizada com base em determinados valores, e manifesta sempre uma escolha, um gesto de tomar partido. *Ser político é tomar partido*, não necessariamente ser de um partido.

A moral e a política, portanto, são elementos constituintes de uma organização social. Não há sociedade sem moral. Não há educação que não tenha uma dimensão moral. Penso que a expressão *educação moral* constitui, de certa forma, um pleonasma. Se a moral diz respeito a princípios, crenças, regras que norteiam as ações dos indivíduos e dos grupos na sociedade, o processo educativo, que se caracteriza como a socialização e reconstrução contínua da cultura, está profundamente marcado por esses valores, em qualquer instância em que se realize. Portanto, ainda que não tenhamos consciência disso, ao ensinar, estamos revelando os valores que sustentam nossa prática de educadores, enquanto membros de uma comunidade específica.

Assim, todo professor é, de algum modo, professor de moral. Essa afirmação quer trazer a referência a uma característica fundamental do processo educativo, que é a de transmitir – questionando, construindo, desconstruindo, reconstruindo – valores, no ensinamento que se faz cotidianamente. Ensinando Português, Matemática, Geografia, História, Artes etc, o professor está trazendo, revelando e discutindo valores que sustentam sua prática e a da sociedade em que vive.

Não há possibilidade de se ensinarem valores como se existissem por si mesmos, desconectados do contexto em que se dão as relações entre os indivíduos, em que se organiza o trabalho e em que se cria, recria e desenvolve o conhecimento.

Como se transmitem os valores morais ou cidadãos sem recorrer a informações históricas, sem dar conta das leis vigentes e do sistema de governo estabelecido, sem falar de outras culturas e países, sem fazer reflexões tão elementares como se queiram sobre a psicologia e a fisiologia humanas ou sem empregar algumas noções de informação filosófica? E como pode instruir-se alguém em conhecimentos científicos sem inculcar-lhe respeito por valores tão humanos com a verdade, a exatidão, a curiosidade? Pode alguém aprender as técnicas ou as artes sem formar-se ao mesmo tempo no que a convivência social supõe e no que os homens desejam ou temem? (SAVATER, 1997:49).

Isso, entretanto, nem sempre está claro para os professores e também não há uma intencionalidade e muito menos uma organização formal para esse processo de socialização e questionamento de valores. Com muita frequência, em função dessa inconsciência, o que se encontrou e ainda se encontra em muitas de nossas escolas foi uma *educação moralista*, entendida como uma forma de *imposição* de princípios e regras aos educandos.

Afirmar que a dimensão moral é elemento constituinte da tarefa educativa não leva, entretanto, à assertiva de que a ética aí está presente. Agimos moralmente, mas nem sempre agimos eticamente. Num mundo pragmatista, as perguntas “*O que fazer?*”, “*Como fazer?*”, “*Por que fazer?*” são as que predominam em todas as instâncias. A pergunta fundamental, da qual se deveria partir – “*Para que fazer?*”, que aponta para a finalidade – muitas vezes é colocada em segundo plano ou deixada de lado. Essa pergunta se encontra no espaço da ética, que se caracteriza como a *reflexão crítica sobre a moral*, denominada por alguns como “ciência do *ethos*”. Quando estamos no terreno da ética, nosso objetivo é investigar, perguntar pelo sentido dos valores, e não determiná-los, como na moral. A ética não nos indica o que devemos fazer; ela pergunta pelo *fundamento do dever*. Onde, na moral, se encontram regras e normas, na ética se encontram *princípios*: respeito, justiça, solidariedade. É com base neles que se problematizam as regras, os deveres.

Faz-se necessário o recurso à ética no sentido de afastar atitudes moralistas ou cínicas, que costumam estar presentes quando se consideram as questões que dizem respeito à definição de políticas na área da educação. O moralismo se caracteriza por reduzir à dimensão moral os inúmeros aspectos envolvidos no tratamento das questões educativas e o cinismo apresenta-se como uma atitude de desprezo diante dos valores, de desconsideração de seu significado, qualquer que seja ele. A ética aponta para um horizonte de construção efetiva da cidadania democrática, isto é, da criação real de possibilidades de intervenção criativa dos indivíduos no contexto social, de instalação do reconhecimento do humano pelo humano, de realização do bem comum.

Conclusões

Como proceder? Penso que só há uma solução: a utopia. A utopia é a exploração de novas possibilidades e vontades humanas, por via da oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor que a humanidade tem direito de desejar e por que merece a pena lutar.

Boaventura de Sousa Santos (1995: 278)

A ética deve estar presente no cotidiano da escola, precisa ser ali afirmada constantemente. É tarefa da ética problematizar situações e atitudes que estão aí no nosso dia a dia. A grande questão que se coloca como desafio para nós é que não se aprende ética apenas nos livros, nas grandes palestras, nas aulas. Na escola, principalmente, ela se aprende prioritariamente no exemplo e na relação. Frequentemente o gesto do professor ensina mais do que o seu discurso. “*Os fins da educação mais corretamente elaborados e mais bem estabelecidos pouco servirão se os educadores não os converterem em atitudes pessoais que terão de manifestar durante todo o processo de relação com os educandos*” (PUIG, 1998: 185).

Vamos encontrar guardada na ética uma dimensão *utópica*, no sentido de conhecimento claro das características do presente, dos limites que nos tolhem e ao mesmo tempo das possibilidades, das alternativas que devemos descobrir ou inventar para a superação dos problemas e a mobilização concreta, por meio do trabalho, para que o futuro, que começa no presente, tenha a configuração que julgamos efetivamente humana, construída por nosso desejo e empenho.

O bem comum, que se propõe como finalidade das ações e das relações humanas, é algo que ainda não se encontra realizado, que se aponta como um horizonte. A expressão “ainda não” é que nos indica a dimensão de esperança. Quando digo “ainda não”, refiro-me a algo que não está colocado no presente, mas tem possibilidade de existir no futuro. O “ainda não” é expressão do *esperançar*.

Neste nosso “mundo ao avesso”, não temos ainda realizados o bem comum e a cidadania efetiva. Eles se colocam, então, como um ideal, algo *desejado* e *necessário*, e que só ganha sentido se for *possível*. A possibilidade do ideal se encontra no *real*. É na sociedade e na escola que temos que encontramos possibilidades para construir a escola e a sociedade que desejamos e de que necessitamos. A identidade da escola é construída no contexto de que ela faz parte, pelos segmentos que a compõem, levando-se em conta os valores do contexto e as necessidades e exigências dos segmentos. É uma identidade que se afirma na articulação com as outras instituições sociais – a família, os partidos, a igreja, as associações, as empresas.

A escola afirmará continuamente sua identidade se estiver cumprindo sua função de socializar o saber e formar a cidadania democrática. Sua fisionomia, sem

dúvida, apresentará, no presente, marcas de mudanças, exigidas pelas contradições que aí estão a nos desafiar. Quando Galeano as aponta, ele não o faz de maneira desesperançosa. Pelo contrário, traz junto com a denúncia a possibilidade de anúncio de um mundo que seja o “avesso do avesso”.

A ética nos traz a esperança na possibilidade de construir esse mundo. O que se requer de uma escola do mundo ao avesso do avesso – na qual se realize uma pedagogia do diálogo e da solidariedade – é o recurso continuado à atitude *crítica*, para se ver o que deve permanecer e o que precisa ser modificado, com humildade e coragem. É por isso que somos levados a questionar: Assim, somos levados a questionar: *O que será da educação sem a ética?* O cenário que se vislumbra é ameaçador. Aponta para a instalação do cinismo, para o rompimento das relações fundadas no respeito, na justiça e na solidariedade, para a desconsideração da alteridade, da diferença, base da construção das identidades e do convívio emancipador, da cidadania. Mas, no dizer de Galeano (1999:8), “não há escola que não encontre sua contra-escola”. Como afirma José Sérgio de Carvalho,

Um princípio ético-político, como a justiça ou a igualdade, não é um local ao qual se chega; é apenas um critério para a escolha de por onde caminhar. Ele não nos exime da tarefa de julgar e decidir, nem nos impede de errar. É só um critério, mas sem ele fica bem mais difícil caminhar (CARVALHO, 2016: 141).

Na medida em que a ética parece ser colocada de lado, fala-se na construção de uma “nova ética”. Não acredito que tenhamos necessidade de uma nova ética, mas sim de uma nova escola. E quanto mais contarmos com a presença da ética nessa escola, tanto mais ela poderá ser chamada de ‘nova’.

“O efeito mais notável da boa educação é despertar o apetite por mais educação, por novas aprendizagens e ensinamentos” (SAVATER, 1997:184). Na medida em que a ética seja “desmarginalizada” e esteja presente na escola para colaborar no sentido de se construir uma boa educação, que estimula a mobilização por uma vida melhor e por um saber mais alargado, que ela seja bem acolhida e se instale em cada espaço de nosso trabalho de educadores.

Referências bibliográficas

- CARVALHO, A. D. (2001) A filosofia da educação: perspectivas e perplexidades. In _____(org.) *Filosofia da educação: temas e problemas*. Porto: Edições Afrontamento.
- CARVALHO, José Sérgio (2016). *Por uma pedagogia da dignidade – memórias e reflexões sobre a experiência escolar*. São Paulo: Summus.
- GALEANO, E. (1999). *De pernas pro ar – a escola do mundo ao avesso*. Porto Alegre: L&PM.
- GOMES, R. (1977). *Crítica da razão tupiniquim*. Porto Alegre: Editora Movimento/Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- HUISMAN, D.; VERGEZ, A. (1965). *La philosophie en 60 chapitres e 300 questions*. Paris : Ferdinand Nathan.
- JASPERS, K. (1971). *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix.
- LA TAILLE, Y.(2006). *Moral e ética – dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed.
- LORIERI, M. A. e RIOS, T. A. (2004) *Filosofia na escola – o prazer da reflexão*. São Paulo: Editora Moderna.
- PELLEGRINO, H. (1988). *Instituição, linguagem, liberdade*. In *A burrice do demônio*. Rio de Janeiro: Rocco.
- PUIG, J. M. (1998). *Ética e valores: métodos para um ensino transversal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- RIOS, T. A. (2010) *O gesto do professor ensina*. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/2_rios.pdf
- SANTOS, B. S. (1995). *Pela mão de Alice – o social e o político na pós- modernidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- SAVATER, F. (1993). *Ética para meu filho*. São Paulo: Martins Fontes.
- (1997). *El valor de educar*. Barcelona: Editora Ariel.
- VANCOURT, R. (1964). *A estrutura da filosofia – Filosofia e fenomenologia*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- VAZ, H. C. L. (1988) *Escritos de filosofia II – Ética e cultura*. São Paulo: Loyola.
- VIALATOUX, J. (1965). *L'intention philosophique*. Paris: P.U.F.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.